

Elly Conway

O LIVRO
QUE INSPIROU
O FILME
ARGYLLE
ESPIÃO SECRETO

TOP
SEL
LER



*Para a minha mãe e o meu pai,
que têm estado sempre ao meu lado.*

Por vezes, é necessário estarmos sozinhos para provarmos que temos razão.

atribuído a Vladimir Putin

As mulheres riram e choraram; a multidão bateu entusiasticamente com os pés pois, naquele instante, Quasímodo era realmente lindo. Era bonito — este órfão, este enfeitado, este proscrito.

Victor Hugo, *O Corcunda de Notre-Dame*

Para os russos, a Sala de Âmbar representa muitas das coisas que perdemos.

Ivan Sautov, diretor do museu do Palácio de Catarina
(citado na revista *Forbes Life*, «Mistérios da Sala de Âmbar»,
edição de 29 de março de 2004)

Nota da autora para a nova edição

Há alguns anos, sofri um acidente terrível que destruiu completamente a minha vida. Enquanto recuperava, cheia de pena de mim mesma, os meus pais traziam-me filmes e livros para tentarem despertar o meu interesse em alguma coisa — o que fosse — que não a minha própria pessoa e esta coisa terrível que me acontecera. Certa manhã, a minha mãe apareceu com um livro de fotografias de paisagens maravilhosas. Uma delas mostrava uma cordilheira no sul da Polónia. Não tinha qualquer significado para mim, mas, enquanto a admirava, senti um assomo de qualquer coisa e, naquela noite, Aubrey Argyle veio ao meu encontro no meio de um sonho febril, completamente formado, com o seu casaco Nehru e o cabelo liso, enterrado na sua tristeza e na necessidade de corrigir as coisas que o mundo insistia em fazer de errado. Quando acordei, ele estava na minha mente como se tivesse entrado pela porta, descalçado os sapatos e ficado à vontade na minha casa. Sei que os escritores reviram os olhos quando os outros autores dizem que «este livro se escreveu sozinho», mas a verdade é que foi exatamente o que aconteceu com este (por favor, não me odeiem, pessoal). Além disso, ao escrevê-lo, ganhei um novo propósito e, com isso, comecei a recuperar. Assim, são necessários alguns agradecimentos: a quem tirou a fotografia, aos meus pais e, sobretudo, a Aubrey Argyle, por me trazer de volta a

mim mesma e por me recordar de que, por vezes, as ferramentas de que precisamos para nos reconstruirmos estiveram sempre dentro de nós.

Elly Conway, 2023

Prólogo

Há poucos lugares na Terra tão desolados como o sudeste da Sibéria numa gélida alvorada de março. Os pinhais da taiga atapetam o solo, formando uma cama de pontiagudos pregos verdes. Aqui não há canto de pássaro que rompa os 25 graus negativos, somente as chicotadas do vento e o uivo lamentoso de um lobo à distância.

De repente, um som quebra o silêncio sepulcral, um rugido suave que se vai intensificando até se materializar em algo que cintila sob o sol da manhã. É um comboio de alta velocidade, rasgando o caminho por entre o ar gélido com o seu nariz afilado, avançando implacavelmente enquanto a densa floresta dá lugar às planícies pantanosas e à tundra fustigada pelo vento.

Nas carruagens standard, as pessoas vão deitadas em camas estreitas, de rosto virado para a parede, dormindo para ultrapassar os efeitos da vodka da noite anterior, ou então vão sentadas, aninhadas aos pés dos beliches a comer *pirozhki* e a observar a paisagem através das janelas sujas e manchadas. Porém, no final deste raio prateado há algo bastante distinto. Uma carruagem de ouro com as iniciais VF e IF interligadas e pintadas em roxo imperial.

Os verdadeiros VF e IF — também conhecidos por Vasily e Irina Federov — não estão nem um pouco interligados. Na verdade, seria difícil imaginar duas pessoas a partilhar o mesmo espaço, tão confinado, de maneira mais distante. Irina está sentada numa poltrona de costas altas que mais se assemelha a um trono do que

a uma cadeira, com o pé esquerdo mergulhado numa bacia de porcelana cheia de óleo de rosas, cujas pétalas flutuam à superfície, enquanto uma mulher de bibe, ajoelhada, lhe esfrega vigorosamente a sola do pé direito com algas frescas, compradas no porto de Vladivostok antes de o comboio deixar a estação.

Irina folheia desinteressadamente uma revista. O comboio levará mais seis dias a chegar a Moscovo e a cobertura de rede é praticamente inexistente, não obstante toda a «tecnologia de ponta» prometida. Não tem maneira de falar com as amigas ou com a irmã. Não pode queixar-se por estar presa nesta gaiola dourada com um marido que lhe dá vontade de arrancar a própria pele. Não tem como lhes dizer que a sua voz suave lhe dá cabo dos nervos, e que quando ele a fita com aqueles seus olhos sem cor e desprovidos de vida por detrás dos óculos sem aros, ela se sente como uma borboleta alfinetada num quadro.

E mesmo que pudesse contar-lhes tudo isto, o que diriam? Que a avisaram para não se casar com um estranho, em detrimento de qualquer outra pessoa das mais antigas famílias russas, vindos de gerações tão facilmente identificáveis como as veias nos seus pulsos? Que depois de ter tomado a sua decisão irrefletida, devia agora consolar-se a gastar os seus milhares de milhões? Uma casa de férias no Lago Valdai. Um apartamento em Knightsbridge. Uma *villa* na Riviera Francesa. Móveis sumptuosos. Um iate novinho em folha. Outra lipoaspiração. Extensões de cabelo mais compridas. Irina já fez tantas cirurgias estéticas que, quando está em frente ao espelho, já nem reconhece a própria cara. «Tem cuidado», disse-lhe ele em frente ao toucador aquando do último regresso de Irina do hospital privado em Beverly Hills, mantendo-se de pé atrás dela enquanto lhe puxava a pele ainda sensível do rosto em direção à linha do cabelo. «Se continuas a esticá-la, ela ainda se rasga como um velho saco de papel.»

A esteticista, que agora lhe esfrega a pele mais rija do calcanhar com pedra-pomes, faz um pouco de força a mais.

— Cuidado! — exclama Irina com um pontapé que desequilibra a mulher, a qual, estendendo a mão para se reequilibrar, toca na bacia de porcelana e entorna um pouco de água na alcatifa macia. — Idiota!

Do lado oposto da carruagem, tão longe quanto humanamente possível, o marido de Irina levanta os olhos. Se está zangado com a confusão, preocupado ou apenas curioso, o seu rosto inexpressivo e banal não o demonstra. Vai sentado à janela, numa poltrona igual à da mulher. À sua frente, uma secretária de madeira polida, em cima da qual está um portátil do tamanho de uma pequena pasta. Ocupa-se a analisar as suas notas para um debate televisivo que tem agendado ao chegar a Moscovo. Claro que podiam ter viajado num dos seus dois jatos privados, mas tudo isto faz parte da campanha, esta procissão magistral através das regiões da Rússia ignoradas pela maior parte dos políticos — quer enviar uma mensagem às hordas mais necessitadas de habitantes das zonas mais remotas, dizer-lhes que não foram esquecidos, pelo menos não por ele, e assim reunir os votos de cada um dos agricultores insatisfeitos, um por um.

Inicialmente hesitara perante a ideia de viajar numa carruagem dourada. Os dois últimos invernos tinham sido muito austeros nestas regiões. As pessoas têm fome.

— Não quero ser acusado de ostentar a minha fortuna — disse ao seu chefe de gabinete.

O homem ergueu as sobrancelhas.

— Com todo o respeito, mas o senhor alcançou o poder enquanto alguém do povo — dissera-lhe —, alguém que veio do nada e conseguiu conquistar o mundo. As pessoas precisam de ver que o senhor personifica tudo aquilo que eles não têm. Por que razão haviam de querer ser representados por um homem que não tem nada a que possam aspirar, um homem que continua a ser igual a eles?

Vasily Federov esforçou-se tremendamente para provar as suas credenciais russas. Investiu centenas de milhões em infraestruturas tecnológicas e causas nacionais, comprou a presidência de uma Câmara e dedicou-se implacável e sistematicamente a limpar as ruas da cidade que administrava, com a ajuda da sua própria milícia altamente treinada. Casou-se com a filha do presidente e mergulhou na cultura russa — patrocinando filmes, peças de teatro e companhias de dança que o fazem cair em paroxismos de tédio ao ver-se obrigado

a ter de assistir às suas exibições durante mais de um par de minutos de cada vez. Suportou infundáveis horas de aulas de russo para conseguir falar fluentemente, notando-se somente uma débil pronúncia. No entanto, ainda há assuntos, como esta carruagem dourada, que o fazem recordar de que continua a ser um forasteiro, que ainda não conseguiu deixar Christopher Clay definitivamente para trás.

O comboio atravessa vários fusos horários a toda a velocidade — quando chegarem ao seu destino, terão passado por oito diferentes. Há muito que passaram pelo Lago Baikal — o maior e mais profundo lago de água doce do mundo — e pelo Gulag Perm-36, o campo de trabalhos forçados onde tantos dissidentes estiveram presos ao longo dos anos. Federov tem pouca compaixão para oferecer. O enfeitado russo, alegremente adotado por americanos e criado no Midwest, sentindo-se sempre um forasteiro, uma curiosidade, ansiando sempre pela sua terra mãe, ou talvez apenas pela sua mãe, não tem tempo para aqueles que criticam e destabilizam.

O comboio faz paragem em várias estações e, em cada uma delas, além dos vendedores e dos viajantes que esperam para subir a bordo, há sempre um magote de pessoas que por ali ficam ao frio, as mulheres de calças por baixo dos vestidos e camisolas por baixo dos casacos, os homens de rosto vermelho por causa do vento frio que os fustiga. Estão à espera dele. Aguardam um vislumbre da carruagem dourada, do homem que viaja no seu interior. O homem que lhes prometeu mudanças. O homem que, começando do zero, com menos de zero, subiu a pulso; o homem que fez a sua fortuna na América, mas que vai gastá-la ali. Não apenas nas cidades onde os oligarcas têm os seus palácios, mas nas ermas cidades industriais e nas aldeias rurais negligenciadas. O homem que lhes diz o que eles querem ouvir — que a imigração em massa está a esgotar os recursos e a diluir a identidade nacional russa, que as cidades e grandes metrópoles estão a drenar as zonas rurais, não deixando nada para quem lá vive. Que a União Soviética pode ser reconstruída, desta vez mais forte, para voltar a acolher todas as pessoas cujos corações permanecem russos apesar de serem forçadas a viver sob as bandeiras estónia ou ucraniana.

Mas existe sempre esse ponto de interrogação, não é? A pronúncia que tanto se esforça por disfarçar. As mãos macias, as unhas limpas. O fato. Os óculos sem aros. Ele não encaixa na narrativa política deste sítio. Não nasceu numa família aristocrata e não alcançou o poder através do seu progresso na hierarquia militar russa. É isso que as pessoas vêm ver com os seus próprios olhos.

Assim, sempre que param numa estação, ele deve apresentar-se à porta do comboio, e Irina deve colocar os seus óculos escuros e exhibir o seu pequeno sorriso, quase semelhante a um pequeno corte no rosto suave. E devem acenar ao povo. Por vezes, ele atira pequenas ofertas à multidão — lápis com o seu nome gravado a dourado, doces para as crianças. Atravessam neste momento os Montes Urais, passando por Yekaterinburgo, onde o Czar Nicolau II e a sua família foram assassinados. Uma vez mais, Federov não sente qualquer compaixão. Tudo tem o seu tempo. À medida que se aproximam de Moscovo, a paisagem no outro lado da janela torna-se mais industrial — fábricas a cuspir fumo, camiões monstruosos, cidades cinzentas, cheias de blocos de apartamentos.

Irina volta a sentar-se em frente ao toucador e aplica a maquilhagem com um pincel espesso e macio.

— Não te esqueças de usar a pulseira — recomenda Federov.

É a primeira vez naquele dia que lhe dirige a palavra. Ela faz uma careta, embora o seu reflexo ao espelho mal se mova, graças ao *Botox* que o médico particular lhe injeta a cada três meses.

A pulseira encanta-a e repugna-a em simultâneo, apesar de saber que vale milhões. É feita de ouro maciço, incrustada com diamantes, à exceção de uma pequena parte que se encontra gravada com pequenos pontos ao acaso e arabescos ocasionais que não fazem o menor sentido para ela. «Chama-se a Pulseira da Fidelidade», disse-lhe o marido quando lha ofereceu, fechando-a em volta do seu pulso como se fosse uma algema. Irina ficara horrorizada quando encontrou as iniciais NC gravadas na lateral da pulseira. Para ela, era um anátema em segunda mão, a ideia de que estava a usar algo que já tinha estado sobre a pele de outra pessoa. Mas Federov é insistente, do seu

modo muito próprio. Não levanta a voz, mas a pele dela continua a arrepiar-se.

Coloca a pulseira.

Irina é a filha de um presidente, cresceu quase como realza numa casa onde, assim que pegava num copo, alguém surgia para limpar a mesa, antes mesmo de ela ter oportunidade de o voltar a pousar. E escolheu este homem sozinha, este Vasily Federov ou Christopher Clay, pelo que não pode admitir a ninguém que o marido, tão cordial, de mãos tão suaves, a aterroriza. Há um buraco negro no âmago daquele homem, e ela não faz ideia do quão profundo é.

— Alguma vez te bateu? — perguntou-lhe a irmã em certa ocasião, reparando como Irina estremece sempre que ele se aproximava. Vendo Irina abanar a cabeça em negação, a irmã acrescentou: — Provavelmente porque tem medo do nosso pai.

— Não — corrigiu Irina. — Porque ele não suporta tocar-me.

Começando a aproximarem-se da capital, Federov guarda o portátil e levanta-se, ficando de pé junto à pasta, aberta em cima da cama. Irina nota as mãos dele, com aquelas unhas limpas e de formato perfeito, a entrarem num bolso lateral. Ela sabe o que ele procura. Esta obsessão do marido repugna-a. Já tinha conhecido homens com fetiches por pés, por *bondage*, por todo o tipo de práticas sexuais inomináveis; mas esta particularidade do marido deixa-a enojada. O pedaço de tecido, outrora azul, mas agora cinzento e gorduroso, dados os anos e todo o manuseamento, é o único objeto que o liga à mãe que o rejeitou, não apenas à nascença, quando o abandonou numa cabina telefónica, embrulhado no cobertor do qual resta apenas aquele miserável pedaço, mas também no dia em que, era ele ainda um jovem americano que acreditava em finais felizes, acabado de conseguir voar para a Rússia e localizar a mãe numa torre de apartamentos nos arredores de Novosibirsk, no sudoeste da Sibéria, lhe fechou a porta na cara. Depois disto, a rejeição do pai, antigo agente do KGB, era mais ou menos esperada, mas, mesmo assim, o choque devorou-lhe a medula tenra como um cancro, cauterizando todas as suas emoções.

Ele contou-lhe tudo isto no início do casamento, quando ainda existia alguma ternura entre ambos. Antes de as confissões se transformarem em armas que podiam usar um contra o outro. Irina devia ter dado ouvidos ao pai. O berço onde se nasce é importante. A pureza do sangue que nos corre pelas veias é importante. Vasily Federov pode estar na iminência de se tornar o homem mais poderoso do país. Pode, como o *New York Times* comentara na semana anterior, ser a maior ameaça para a atual segurança mundial, mas, bem no seu fundo, será sempre um homem quebrado.

Na estação Yaroslavsky, em Moscovo, há uma recepção à sua chegada. O pai de Irina, Vladimir Sokolov, prima pela ausência, mas estão presentes os líderes dos movimentos de extrema-direita, incluindo a União Nacional Russa e o Movimento Contra a Imigração Ilegal. Federov fica satisfeito ao reparar que também ali estão figuras proeminentes do Partido da Liberdade austríaco, da Lega Nord italiana e até do Vlaams Blok belga.

Olha em redor, em busca do rosto que mais necessita de ver. O rosto que vai conferir maior legitimidade à sua campanha pelo derradeiro poder, a presidência de um dos mais grandiosos países do mundo. Mas ele não está presente. Federov cerra os dentes com tanta força que os músculos do rosto se contraem visivelmente. Ele investiu tanto, investiu tudo.

— Onde está ele? — sibila para Denisov, que encolhe os ombros.

Baixo e atarracado, com um cabelo transplantado que agora lhe brota do escalpe como relva pintada de castanho, em claro contraste com as hirsutas sobrancelhas pretas, o braço direito de Federov tem um rosto carnudo onde se enterram dois frios olhos negros. Federov não gosta dele, mas precisa da sua reputação de homem austero com um longo currículo militar. «O Carniceiro de Grozny», apelidou-o a imprensa ocidental depois das atrocidades cometidas na Chechénia sob o seu comando. Mas com o medo vem também o respeito, e as credenciais de Sergei Denisov contrabalançavam, em certa medida, as dúvidas sobre a origem de Federov.

Naquele momento, porém, o burburinho aumentava por entre a multidão que se reunia na plataforma, e eis que ele surge, inconfundível, com o seu chapéu branco brasonado à frente e a cruz dourada sobre uma coroa. Enverga uma batina preta e uma pesada corrente de ouro, e vem acompanhado por dois sacerdotes paramentados da mesma maneira. O apoio público do líder da Igreja Ortodoxa Russa é o melhor impulso possível para a campanha presidencial de Federov — custou-lhe milhões de dólares em doações, além da promessa de que haveria um cristão ortodoxo sentado à mesa do governo. Assim que os dois homens apertam as mãos, explode imediatamente uma centena de flashes das câmaras dos fotógrafos. Estas fotografias serão publicadas em todo o mundo. «O novo ultraconservadorismo», é como lhe chamam os jornais. Federov não gosta do termo. Não há nada de conservador na sua visão de unir os grupos descontentes em redor da arena política e social, não apenas na Rússia, mas por todos os ex-estados soviéticos e até para o Ocidente, sob o estandarte de uma lei anti-imigração moderna e populista.

Verá este Vasily Federov, ou o anterior Christopher Clay, a ironia de um homem que cresceu nos Estados Unidos a saudar a bandeira americana e a ver filmes cujos vilões tinham sempre nomes russos, colocar agora a culpa de todos os males da sua terra mãe nos forasteiros, nos imigrantes, nos descontentes? Não, pois considera-se mais russo do que aqueles que nunca deixaram a Rússia, pois *escolheu* regressar, injetar no país a sua imensa fortuna, extraída das veias da América e aplicada no coração ferido do seu maior inimigo. Vasily sente-se russo até ao âmago do seu ser.

O que precisa de fazer agora é convencer o povo russo da sua dedicação e patriotismo, precisa de acalmar as suas desconfianças. É por isso que, depois desta sessão fotográfica na estação, se dirige aos estúdios do Canal Rossiya, a cadeia televisiva detida pelo seu amigo e associado político Anatole Poletov. Talvez não sejam amigos, já que Federov nunca dominou a arte da amizade, mas são certamente úteis um ao outro e estão unidos na intenção de forjar uma nova ordem mundial.

Na cadeira da maquiagem, sente-se invulgarmente nervoso; tem de se controlar para não enxotar o braço da rapariga que o maquiha, rodeando-o como um inseto irritante. Obrigou-o a tirar os óculos, o que o fez sentir-se exposto e vulnerável, já que o mundo fica escondido por detrás daquele ecrã difuso.

— Já chega! — diz bruscamente. Precisa que ela se vá embora para poder concentrar-se no que está prestes a dizer. No que vai prometer.

Sente-se a brilhar sob as luzes do estúdio, mas está em vantagem em relação ao seu adversário, o Vice Presidente Zhuravlev, que transpira notoriamente. Federov sente a sua confiança a regressar. O país — o *seu* país — grita por mudança. O sogro, Vladimir Sokolov, permitiu que as coisas resvassem para o caos, dado que, em vez de zelar pelos seus compatriotas famintos, se manteve muito ocupado a fazer amigos no Ocidente — a tratar da diplomacia dos oleodutos, a qual enche os bolsos dos barões do petróleo que o apoiam. Há um vazio no coração da política russa, e Federov tem toda a intenção de o preencher.

Antes disso, todavia, é necessário que dê provas do seu valor ao povo. E ele sabe exatamente como fazê-lo.

O debate começa. Discutem-se políticas internas, ameaças internacionais. Federov reforça a sua intenção de apostar na modernização, mas, ao mesmo tempo, deixa uma nota de advertência relativamente a todas as mudanças que ocorrem no país. Refere o consumo de drogas, os gangues criminosos e as suas ligações aos Uzbeques e Tajiques, e tenta usar a sua educação americana como uma vantagem. «Vi em primeira mão o que a busca interminável pela autorrealização faz às pessoas. Vi como pode tornar-se num cancro que corrói a sociedade por dentro.» Continua, apesar de tudo, a ter o cuidado de não ser demasiado crítico do antigo regime, continua a elogiar os feitos de Sokolov. Afinal, isto ainda é a Rússia.

O suor escorre pela testa de Zhuravlev, que vê as rédeas do debate fugirem-lhe das mãos. Ataca onde o seu adversário é mais vulnerável. «Enquanto estrangeiro, talvez não se aperceba de que...» diz, e também, «Enquanto imigrante...». Federov range novamente os

dentes — o seu dentista não vai ficar contente —, mas o seu rosto permanece inexpressivo. Olha para a câmara enquanto fala acerca da cidade onde, ainda recém-nascido, foi encontrado, nas profundezas vazias da Sibéria. Uma cidade russa, reforça, onde vivem verdadeiros cidadãos russos. Não a compara com as metrópoles cada vez mais ocidentalizadas, como Moscovo e São Petersburgo, mas a inferência está lá. Repete o argumento de como escolheu regressar à Rússia, por oposição àqueles que, tendo nascido em berço de ouro, escolhem gastar a fortuna que a Rússia lhes deu no Sul de França, em Londres ou no Médio Oriente. Nesse momento, Zhuravlev, que passara sete meses do presente ano na sua ilha privada na costa do Dubai, leva um dedo ao colarinho para o alargar, chamando tristemente a atenção para a aba de pele flácida no seu pescoço.

Zhuravlev sente o chão a ruir debaixo dos pés, e tenta freneticamente encontrar argumentos que possa usar para convencer o povo — quer reduzir os impostos e aumentar as pensões do estado.

— Não só possuímos uma liderança política forte, como também levamos muito a sério o nosso trabalho enquanto guardiões culturais. — A seguir, elenca os monumentos que o seu governo construiu. Os museus que patrocinou. Está a atingir o ponto alto do seu discurso. — Não existe testemunho mais grandioso da nossa dedicação ao enriquecimento cultural da nossa grandiosa nação do que a magnífica exposição que inaugurámos recentemente, a qual foi recebida com louvores internacionais. Falo, naturalmente, da réplica extraordinária — terminada depois de 25 anos de trabalho artesanal e de um investimento de 11 milhões de dólares — do derradeiro símbolo da grandeza e glória russas, da oitava maravilha que nos foi roubada pelos nazis há seis décadas e que desapareceu sem deixar rasto. Falo, naturalmente, da incomparável Sala de Âmbar.

Assim que estas palavras são pronunciadas, Federov sabe que o tem na mão, consegue imediatamente saborear o triunfo. Chegou a hora de desferir o golpe fatal.

— Réplica? — O desdém é praticamente visível. — É realmente típico deste governo tentar enganar o seu povo com a imitação de um

tesouro que é naturalmente nosso. Para mostrar o quanto amo este país, o *meu* país, e para provar a minha dedicação, faço ao povo russo uma promessa solene. — Vira-se e encara diretamente a câmara. — Se me derem o vosso apoio, prometo devolver-vos não uma réplica, não uma falsificação nem uma imitação dispendiosa, mas a *verdadeira* Sala de Âmbar.

O estúdio não tem público, mas o murmúrio de entusiasmo que atravessa a equipa técnica e o desânimo evidente que perpassa o rosto abatido de Zhuravlev diz a Federov tudo aquilo que precisa de saber.

PARTE UM

I

A 6500 quilómetros do estúdio moscovita que serve de cenário à vitória televisiva de Vasily Federov, no ponto em que o Norte da Tailândia se encontra com Myanmar e o Laos, numa área do Sudeste Asiático conhecido como o Triângulo Dourado, um vulto balança-se languidamente numa cama de rede, pendurada no alpendre de madeira de uma cabana de bambu, algures nos arredores de Chiang Saen.

Aubrey Argyll tem 20 e poucos anos, membros compridos e ombros largos, olhos cristalinos e um queixo forte, suavizado por uma covinha; o cabelo, escuro e encaracolado, está preso com um elástico castanho que encontrou no chão do posto dos correios da cidade, naquela manhã. As madeixas de cabelo que se escapam do elástico encaracolaram-se ainda mais com o calor. Ontem, o termómetro tinha ultrapassado os 37 graus, e embora hoje o dia estivesse mais fresco, a humidade continuava demasiado alta para que o suor se evaporasse; em vez disso, formavam-se gotículas sobre a sua pele, numa película pegajosa.

Um dos pés de Argyll está pousado no chão de madeira, mantendo a cama de rede em movimento, mas o resto do corpo está imóvel. O caderno de notas em que escrevia ainda há instantes repousa agora de capa para cima sobre o seu estômago; a caneta, esquecida na mão. Tinha regressado há pouco tempo, depois de ter levado um pequeno grupo numa caminhada até ao Wat Phra That Pha Ngao, um templo budista situado numa colina a alguns quilómetros da cidade.

O templo propriamente dito não é nada de especial, mas oferece uma vista deslumbrante para a outra margem do Rio Mekong e para as selvas montanhosas para lá dele, que se estendem até ao Laos.

— É isto? — perguntou-lhe um dos turistas, esforçando-se por ver algo na direção oposta, para as colinas irregulares de Myanmar, embora ainda lhe chamem Birmânia. — Já estamos no Triângulo Dourado?

Argylle já está habituado a lidar com a desilusão dos turistas que vêm até este lugar à espera de ver mulas carregadas com fardos de ópio a trepar as cordilheiras distantes. O comércio do ópio que popularizou a zona dos anos 60 aos anos 90 do século passado, deslocou-se, em grande escala, para o Afeganistão. Ainda existem grupos tribais a operar o negócio, sobretudo os senhores da guerra do lado de Myanmar, e o ópio continua a ser transportado dos campos de papoilas para o topo das montanhas entre Chiang Rai e Bangucoque, de onde segue então para a América e para Hong Kong; atualmente, porém, os traficantes que restam têm mais tendência para negociar com metanfetaminas, um produto bastante lucrativo, embora não ofereça o glamour de outros tempos aos turistas que aqui acorrem à sua procura.

Argylle poderia dizer-lhes que não há nada de remotamente glamouroso no tráfico de droga.

Se lhe perguntassem há quanto tempo vive neste recanto tropical a ganhar uns meros tostões, a sua resposta seria algo vago como «um par de anos», apesar de se terem passado mais de cinco. Não quer reconhecer o facto de se encontrar num beco sem saída.

Sabe, claro, por que motivo veio para cá — veio à procura de respostas; mas não faz ideia do porquê de ter ficado.

Levanta-se com dificuldade e esvazia a cerveja já morna. Ao entrar na cabana, que consiste em várias tábuas de madeira dispostas sobre uma armação do mesmo material, com paredes e telhado de bambu, e janelas de vidro abertas para o ar húmido, dirige-se a uma tábua apoiada em duas velhas latas de óleo que lhe serve atualmente de estante, a qual exhibe uma fila de livros bastante usados — alguns

tipicamente comprados em aeroportos ou trocados com outros mochileiros, outros de natureza um pouco mais surpreendente. Camus, Kafka, James Baldwin. Na extremidade mais afastada, uma pilha de cadernos, e é nela que Argylle poussa aquele em que estava a escrever.

A maior parte dos cadernos são baratos, comprados na cidade. Só se destaca o que está no fundo da pilha, grosso, com capa de couro e a ponta de uma fita de seda que serve de marcador a espreitar por baixo. Não precisa de o abrir para saber o que diz na página de rosto: *O mundo é um lugar demasiadamente maravilhoso para não se escrever sobre ele*. Foi um presente da mãe, oferecido no Natal que antecedeu à sua morte. Ele nunca o abriu, limitou-se a murmurar um agradecimento e a esquecer-se dele no fundo da mala. Só meses mais tarde, depois de tudo o que aconteceu, é que se decidiu a abri-lo e, alisando a folha de papel espessa e bege, começou a escrever — descrições de coisas que viu, excertos de conversas. E ainda não parou de o fazer. Todos estes cadernos estão prenhes de palavras.

Está a escrever para ela, sabe disso. Escreve-lhe sobre o mundo que ela já não consegue ver.

Argylle levanta a bainha da rede mosquiteira que tem pendurada no teto com um gancho e pega nas calças de ganga que estão em cima do colchão de solteiro, no chão. Da primeira vez que subiu à montanha, usou calções, mas desde então não voltou a cometer o mesmo erro. Nos degraus do alpendre está um par de sapatilhas velhas e puídas — o seu cheiro já não é muito recomendável, por isso prefere deixá-las no exterior —, e calça-as sem se dar ao trabalho de desatar os atacadores. Uma t-shirt desbotada com a imagem de Johnny Cash completa o conjunto.

O seu plano é ir de mota para norte, para lá de Sop Ruak — a cidade onde a Tailândia converge com o Laos e Myanmar — e depois subir as colinas. Tecnicamente, isto significa que vai entrar em Myanmar, ainda sob austero controlo militar, mas tem uma história preparada para o caso de ser mandado parar: é meramente um guia turístico a tentar encontrar novas rotas. As coisas não são como eram antes. Surgem sinais um pouco por toda a parte que indicam que a

região está a avançar. No entanto, e apesar da recente imagem mais limpa que se pretende passar, Argylle está bem ciente dos perigos que ainda estão por ali à espreita. A heroína pode ter dado lugar às metanfetaminas, mas continua a ser um negócio mortal, disso não restam dúvidas. A recompensa é extraordinária — milhões e milhões de dólares —, mas também o são os riscos. Os gangues criminosos internacionais operam nestas selvas, apesar dos sinais espalhados por todo o lado a declarar a aplicação da pena de morte para quem for apanhado a traficar droga. Os senhores da guerra, as tríades — até a máfia russa —, não são exatamente pessoas com quem se tenha vontade de partilhar uma cerveja, e não é invulgar aparecer um cadáver brutalmente mutilado aqui ou acolá. Quem se aventura no território de um gangue rival fica por sua conta e risco.

E o que procura verdadeiramente Argylle, enquanto a sua mota avança com dificuldade pela estrada de terra até Sop Ruak? O que o faz regressar à selva uma e outra vez? O que o mantém preso neste ciclo que tomou conta da sua vida?

Abandonando a mota, começa a subir a pé, seguindo um trilho quase invisível através da vegetação rasteira que se vai adensando. Além de um par de garrafas de água, trouxe na mochila uma pequena faca de mato para abrir caminho por entre vegetação. É um trabalho custoso e que oferece poucas recompensas, levantando pó vermelho a cada passo dado. O céu assume um tom de amarelo turvo para lá da copa da floresta tropical. De vez em quando, depara-se com um novelo grosso de arame-farpado — a tentativa de Myanmar de demarcar fronteiras. Dirige-se a uma das aldeias Akha. Os Akha são uma das tribos das colinas, povoações desalojadas da China ou do Tibete, as quais não são bem-vindas em nenhum dos três países que se tocam neste ponto. No passado, a tribo esteve intimamente ligada ao cultivo das papoilas para ópio, mas atualmente ganham a vida a vender o artesanato que produzem e a posar para as fotografias com os grupos de turistas que fazem o trilho até aqui.

Argylle fala tailandês fluentemente, assim como árabe, mandarim, espanhol, francês, alemão e russo, mas os Akha têm o seu

próprio dialeto, pelo que conseguir falar com eles e fazer-lhes perguntas é um processo moroso. Argylle leva as fotografias dos pais, de cantos já gastos de tanto lhes mexer, no bolso.

A cerca de uma hora de caminhada até à clareira onde as distintivas cabanas de telhados de bambu da tribo se erguem sobre estacas de madeira, para.

Por cima do suave trinar do boca-de-sapo, do guincho do *broadbill* verde-esmeralda de rabo comprido e do chamamento de uma ave canora nos ramos mais altos, por cima do barulho das solas sobre a terra e do estalar de folhas e ramos, ouve-se o ruído baixo de um avião ao longe.

Argylle sente-se imediatamente a recuar no tempo, até a um pequeno aeródromo no meio da selva com três ou quatro aviões, apertado no cockpit enquanto o pai lhe explica como funcionam os instrumentos. A onda de adrenalina da primeira vez em que as rodas do avião se levantam do chão, sabendo que, a partir desse momento, está tudo nas suas mãos. Os aeródromos vão mudando — Brasil, Filipinas, África Ocidental, sul de Espanha, onde quer que o negócio de importação/exportação dos pais os levasse —, mas há sempre um avião, há sempre o seu pai: impaciente, volátil, exigente, carinhoso. Complicado.

Argylle entra numa clareira para conseguir ver o avião. Tem um único motor, talvez seis lugares, com uma hélice na ponta e um logótipo azul e dourado. Ele já viu este avião, no minúsculo aeródromo de Mong Hsat, do outro lado da fronteira de Myanmar, quando ele e o pai aterraram o *Cessna* para um passeio de fim de semana.

— É verdade que a CIA esteve envolvida em contrabando de heroína nesta região? — perguntou um dos participantes da visita que Argylle conduzira horas antes. A sua resposta fora um encolher de ombros. É possível, disse ao grupo. Os Estados Unidos queriam manter Myanmar, o Laos e a Tailândia livres da influência comunista da China, que fica a poucas centenas de quilómetros dali. Para isso, apoiaram o KMT, um grupo de exilados chineses que tentavam resgatar o seu país do controlo comunista, financiando a sua luta com os

lucros do tráfico de heroína. Se a CIA estava envolvida nesta parte da questão, direta ou indiretamente, ninguém sabe com certeza, mas a verdade é que construiu torres de rádio na região e também ajudou a financiar o pequeno aeródromo, agora quase deserto, exceto aquando das ocasionais visitas dos contingentes da CIA ou da DEA.

Argylle observa o avião a cruzar o céu, ainda perdido algures no seu passado. Era uma outra vida.

Bang! Um ruído ensurdecedor rasga a tranquilidade da selva, silenciando as aves. Por uma fração de segundo, o mundo detém-se, toda a vida fica em suspenso. O pequeno avião paira no ar. Depois, ouve-se o inconfundível som de um motor em pane.

2

O avião está a cair. Argylle espera pela explosão, mas estes pequenos aviões têm depósitos de combustível pequenos, e o momento do impacto é abafado.

Larga a correr, seguindo a fina coluna de fumo negro que se ergue por entre as árvores, reconhecendo com algum atraso que o estrondo que escutara não era o motor a explodir, mas sim tiros.

Nesta região não existem muitos gangues com recursos suficientes para contarem com armamento antiaéreo entre o seu arsenal.

O Sam Gor, também conhecido por «A Companhia», é um consórcio cantonês da China composto por membros de cinco tríades diferentes, cuja sede é em Shan State, em Myanmar, embora o seu alcance se estenda para lá dos seus territórios. Com lucros que se presume atingirem milhares de milhões, podem ter ao seu alcance o armamento mais sofisticado. Este facto, aliado a uma sede lendária por violência e brutalidade, faz deles o cartel mais temido de todos os que operam no Triângulo Dourado.

Argylle sabe tudo sobre eles, por experiência própria. Quem lhe dera não saber.

Cerca de trinta minutos depois, quando se aproxima do local da queda do avião, está de rastos com o calor, a respiração rasga-lhe a garganta, que parece em carne viva. Se o seu palpite em relação à Companhia estiver correto e for apanhado, já não conseguirá partir, pelo menos não pelo seu próprio pé. Abrandando o passo para escolher

um caminho por entre as árvores que lhe permita uma aproximação furtiva, mantendo-se rente à vegetação densa e detendo-se para escutar sinais de vida.

Consegue sentir o cheiro do avião antes de o ver, consegue sentir o fumo acre a invadir-lhe os pulmões. A Tailândia está em plena época das queimadas, altura em que os agricultores reduzem a vegetação dos campos a cinzas para os prepararem para as plantações seguintes, pelo que há sempre fumo nos vales, mas isto é algo distinto.

Escondido por uma árvore, Argylle consegue ver duas pessoas, um homem e uma mulher, a pisarem cobertores, tentando apagar o que ainda arde; nota depois um terceiro homem, sentado perto deles com a cabeça entre as mãos. Têm o rosto mascarrado do fumo e expressões atordoadas. Atrás deles, o avião, de nariz enfiado no solo. Os seus destroços estão espalhados por toda a clareira. Argylle olha ansiosamente em redor, mas não vê sinais do gangue responsável.

A mulher tem um telemóvel na mão e procura rede.

— Eles deram cabo das antenas — diz o homem ao seu lado, inexpressivamente.

— Vocês têm de sair daqui. Depressa. — Os três passageiros do avião despenhado sobressaltam-se quando Argylle surge repentinamente detrás das árvores. Ele insiste. — As pessoas que abateram o vosso avião vão chegar a qualquer momento. Têm de sair daqui. Onde estão as vossas armas? — Mais uma vez, nenhuma reação. — Vá lá! — Está a começar a perder a paciência. — Sei que vocês são da CIA. Onde estão a porra das vossas armas?

A mulher decide finalmente falar, e ele repara pela primeira vez no ângulo peculiar do seu braço direito, na forma como o estabiliza com o esquerdo.

— Não somos da CIA. Somos da DEA. O Charlie está armado.

Argylle olha para os dois homens, à espera de descobrir qual deles é o Charlie.

— Não é nenhum deles — diz a mulher com irritação. — O Charlie está ali dentro. — Inclina a cabeça para os destroços do avião. — Mas está... — Abana a cabeça.

Argylle olha em redor. Os homens do Sam Gor podem chegar a qualquer instante. Os agentes federais são alvos fáceis. E caso ele ainda aqui esteja quando chegarem, terá o mesmo destino.

O que ele *devia* fazer, o que qualquer pessoa sensata faria neste momento, era desatar a correr e abandonar estes pobres idiotas ao seu destino.

Que merda.

Embora saiba que é a pior ideia do mundo, corre em direção à porta do avião — ou melhor, ao buraco escancarado onde antes existia uma porta — e salta para o seu interior. Fica parado por um instante, ao ver o piloto debruçado sobre o painel de instrumentos, com o crânio desfeito.

Um gemido suave fá-lo acordar do seu torpor. Ainda preso com o cinto no lugar da esquerda da primeira fila de bancos está um homem anafado de meia-idade, o qual inicialmente presumiu também morto. Agachando-se no corredor apertado, com um olho na janela, através da qual vê os três agentes consternados da DEA, Argylle pergunta suavemente:

— Ei, Charlie? Como estás, amigo? — Mas consegue ver perfeitamente como Charlie está. Vê como a prateleira das bagagens se soltou e se enfiou no seu abdómen.

O homem não tem a menor hipótese de se safar. Argylle repara no punho da arma junto à anca de Charlie, mas para a alcançar teria de estender o braço por cima dos ferros que lhe perfuram o abdómen.

Pelo canto do olho, apercebe-se de movimentos lá fora, do brilho do sol a incidir em algo de metal. Baixa-se instintivamente na cabina, sentindo o sangue latejar-lhe nos ouvidos. A seguir ouvem-se gritos. A temporada que passou em Singapura quando era criança permite-lhe entender a voz em mandarim — «Para baixo, para baixo» —, mas não o homem que grita em cantonês. A mulher grita. Pela janela, Argylle vê os três passageiros do avião deitados de barriga para baixo, com as mãos na cabeça, rodeados por sete homens, pelo menos, todos eles armados. O braço da mulher está dobrado numa forma estranha por baixo de si. Ela olha em direção ao avião

e arregala os olhos ao vê-lo. Argylle leva um dedo aos lábios. Sabe perfeitamente do que esta gente é capaz. O homem que fala cantonês grita qualquer coisa a um jovem rapaz que não deve ter mais de 14 ou 15 anos, gesticulando em direção ao avião. Argylle volta a baixar-se. Será que o viram? Sente o peito dolorosamente apertado, tem a boca seca.

O rapaz responde em mandarim, numa voz aguda:

— Eu não vou entrar ali. O avião tresanda a gasolina. Não tarda nada, explode. — Argylle já se tinha apercebido também do cheiro intenso a combustível. Está encurralado dentro de um barril de pólvora.

A discussão instala-se entre o rapaz e o seu chefe. É impossível saber qual deles ganhará. Argylle olha em redor, em pânico. Um olhar rápido para Charlie confirma que já morreu; tem a cabeça caída para trás, as mãos cruzadas sobre as barras de metal que o trespassam. Atrás dele há dois lugares vazios, um de cada lado do corredor estreito. Na parte de trás, um único lugar. Não tem onde se esconder.

Em desespero, aninha-se no pequeno espaço entre o último banco e a parte traseira do avião. Não tem nada com que se tapar, e qualquer pessoa que vá até ao fundo do avião o conseguirá ver.

Através do espaço por entre os bancos, vê o rapaz a entrar a bordo, de arma em riste. Apercebe-se do nervosismo do miúdo, cujo dedo treme ao pé do gatilho. O cheiro a combustível é cada mais forte. O rapaz tapa o nariz com a t-shirt para o abafar. Olha de relance para o piloto morto, cuja cabeça repousa numa poça de sangue e miolos, mas quando chega junto a Charlie, detém-se. Argylle começa por presumir que é o choque o que o faz parar, mas o rapaz debruça-se sobre a prateleira das bagagens e pega na arma de Charlie. *Pronto, é agora*, pensa Argylle. O rapaz, no entanto, continua debruçado sobre o morto. Revista-o, solta um grunhido de satisfação e endireita-se, empunhando uma carteira que se apressa a esconder dentro do cós das calças.

Lá fora, o chefe começa a gritar. Ainda com a t-shirt por cima do nariz, o miúdo olha brevemente em redor e o seu olhar detém-se no fundo do avião. Por um instante, Argylle tem a certeza de que ele

vai continuar a avançar; se ele der mais dois passos, Argylle ficará completamente visível. Mas o rapaz vira costas subitamente e salta do avião.

Argylle suspira de alívio. Levanta-se, estica as pernas e tenta sossegar o coração, que bate descompassado. Pela janela, vê os reféns a serem levados para a floresta com armas apontadas às costas.

Começa a avançar com dificuldade pelo corredor, apenas para se atirar rapidamente para o banco atrás de Charlie, assim que ouve novamente a fuselagem do avião a chiar de forma sinistra.

Alguém decidiu voltar atrás.

Felizmente para Argylle, o homem que entra a bordo é corpulento. O seu peso anunciou-o. Atrás do banco, Argylle fecha os olhos com força, à espera da inevitável exposição.

Quando esta não se verifica, volta a abrir os olhos. O braço esquerdo de Charlie pende ao lado do banco, onde o rapaz o deixou cair. Argylle tenta não olhar para a aliança de casamento que vê no seu dedo, tenta não pensar na mulher, nos filhos que pudesse ter. Entre o banco e o braço há uma frincha por onde consegue ver o homem ainda de pé no *cockpit*. Está debruçado sobre o corpo do piloto e tenta arrancar qualquer coisa do painel de instrumentos, uma caixa pequena quadrada e preta com uma antena no topo; Argylle percebe imediatamente que se trata do transmissor-recetor do avião.

O transmissor-recetor portátil deve estar codificado com um código único, relativo ao avião, usado pelos controladores aéreos para poderem seguir a sua rota através dos radares e certificarem-se de que não ocorrem colisões com outros aviões. O homem remexe na caixa, e Argylle, que passou horas e horas a voar com o pai, sabe que está a tentar desligar o mecanismo para que este deixe de transmitir, eliminando assim o risco de que possa indicar a sua localização.

Feito isto, o homem olha de relance para Charlie. Argylle entra em pânico: presumindo que, à semelhança do que o rapaz fez, estará a pensar em procurar a carteira que Charlie deve ter no bolso interior; se der mais um passo na sua direção, será o seu fim.

Ouve-se um grito vindo da rua, mas o homem permanece imóvel, olhando fixamente para o local onde Argylle está agachado. Depois, um segundo grito parece fazê-lo tomar uma decisão, e o homem vira-se, resmunga, e sai pesadamente do avião.

O alívio de Argylle é tão intenso que o consegue saborear.

Quando o grupo deixa a clareira, obrigando os americanos a avançar à sua frente sob a ameaça das armas, Argylle dirige-se à parte dianteira do avião. Sabe que tem de sair dali. Correr na direção oposta. Sabe que a CIA devia estar a seguir o avião e que a ajuda deve vir a caminho.

Também sabe que, quando cá chegarem, será tarde demais. As florestas nesta região são densas e só uma das fações sabe orientar-se nelas.

Isto não é um problema dele. Não deve nada a essa gente.

Pensa novamente na mulher deitada no chão sobre o braço partido e na lágrima solitária que lhe descia pelo rosto.

Pega no transmissor-recetor.

3

Frances Coffey dá uma longa e pouco satisfatória passa no cigarro eletrônico. Quem decidiu que aquele tubo de plástico era um bom substituto para o cigarro, claramente nunca fumou na vida.

Eu sou uma pessoa que não fuma, recorda Coffey a si mesma, conforme o terapeuta a instruiu. *Eu sou uma pessoa que não fuma... mas estava capaz de matar por um Marlboro Light*.

— Diz-me novamente: quando é que perdemos o sinal exatamente?

Mike Randall vira-se novamente para o monitor.

— Foi há seis... não, há sete minutos.

— O que diabo aconteceu ali?

Randall encolhe os ombros e olha de relance para o Agente Joe Quintano, seu colega e amigo. Em privado, já admitiram que, apesar dos vinte e um anos de experiência que, somados, têm na Agência, por vezes a chefe fá-los sentir de volta às aulas, obrigando-os a tentarem encontrar uma justificação quando não sabem a resposta a determinada pergunta. Tem algo que ver com a combinação do seu conhecimento enciclopédico, adquirido nos anos em que trabalhou nos arquivos, com uma elevada inteligência emocional que lhe permite duvidar sempre da forma como os sujeitos parecem ter agido em qualquer cenário que se lhes apresente.

— Levantou voo de Mong Hsat, como estava planeado. Num minuto, estava a fazer o percurso esperado; no minuto seguinte estava a despenhar-se.

— Terá sido um acidente?

— Possivelmente — diz Quintano, batendo com o dedo no queixo. — Talvez uma falha no motor. Mas...

— Por que razão o transmissor-recetor havia de se desligar subitamente depois de o avião descer?

No quartel-general clandestino da CIA situado por baixo de uma fábrica de químicos agrícolas na zona rural do Delaware, Frances Coffey, a Agente Principal de Operações — mulher de um metro e sessenta, cabelo cortado a direito por baixo das orelhas, óculos de armações de tartaruga e uma forma de fitar as pessoas com os seus suaves olhos cinzentos que lhes dava vontade de fazer melhor, de *serem melhores* — volta a puxar com força no cigarro de plástico.

— Creio que temos de presumir que o avião foi abatido deliberadamente — diz Randall.

— Sabemos que grupos operam na região?

Quintano vira-se para o computador e digita alguns comandos.

— As notícias não são animadoras, chefe — diz ele com uma expressão sombria.

Coffey dá um passo em frente para olhar para o ecrã. O seu rosto, já habitualmente pálido, fica totalmente sem cor.

— Quem? — pergunta Randall.

— Sam Gor — responde Quintano. — A Companhia. O seu líder, Tse Chi Lop, faz com que o Pablo Escobar pareça a Mary Poppins.

— E acha que a DEA andava a segui-los?

Coffey assente.

— Talvez. Escusado será dizer que neste momento, nos Estados Unidos, estamos diante de uma epidemia de metanfetaminas e que a maior parte das drogas é produzida em laboratórios fora do território, liderados por consórcios como...

— Sam Gor — completa Randall. — Já percebi. Então, acha que este tipo, Tse, abateu o nosso avião porque a DEA andava a fazer demasiadas perguntas?

Coffey assente mais uma vez.

— É o que parece.

Ficam os três em silêncio, imaginando as implicações deste ato. Coffey semicerra os olhos por detrás das lentes multifocais, ao notar algo a piscar no ecrã.

— O que está a acontecer?

Quintano vira-se para o ecrã.

— Mas que... o transmissor está ligado. O avião parece estar em movimento.

— Em voo? — Os únicos indícios exteriores do entusiasmo de Coffey são os nós dos dedos esbranquiçados por causa da força com que está a agarrar as costas da cadeira de Quintano.

Quintano abana a cabeça.

— Mas disseste que o avião estava em movimento?

— E está, mas...

— Mas?

— Está em movimento, mas como se fosse... a *caminhar*, chefe.

A cabeça de Coffey está a mil, calculando todas as possibilidades. Distraída, leva a mão ao bolso do casaco para pegar no maço de tabaco e suspira quando o encontra vazio.

Eu não fumo, recorda-se enquanto segue o progresso do sinal que pisca no ecrã.

O que diabo se passa ali?

4

Nas profundezas da traiçoeira selva de Shan State, no lado errado da fronteira de Myanmar, Argylle segue um grupo de reféns enquanto leva o transmissor-recetor debaixo do braço.

Depois de passar cinco anos nesta região, já está habituado ao terreno, aos insetos e ao calor que se cola à pele. O ar está sempre denso em fevereiro e março, resultado da combinação dos fogos florestais e das queimadas dos agricultores, que usam as cinzas dos restos das colheitas do ano anterior para preparar os campos para as novas sementeiras, causando tudo isso um aumento acentuado da poluição; ao respirar, Argylle sente que cada célula do seu corpo tem vontade de se desligar. Também está habituado à vegetação cerrada, que exige que se cesse a caminhada a cada par de metros para abrir caminho com a faca de mato, mas, neste momento, não é algo que possa fazer — não quando tenta manter o silêncio e transportar uma caixa preta que, apesar de ser mais pequena do que uma caixa de sapatos, não deixa de ser pesada e escorregadia no calor húmido.

Esta área é nova para ele, uma das zonas não registadas que faria com que os amigos tailandeses apontassem para o mapa e abanassem a cabeça em sinal de aviso.

Não te metas nestas áreas. Não tires fotografias.

É aqui que se situam os laboratórios de drogas, geridos por grupos com milícias próprias. As autoridades fazem de conta que não os veem em troca de apoio militar e uma parte dos lucros.

Argylle sabe que, se for descoberto, o mais provável é acabar por se juntar aos muitos desaparecidos — pessoas que se aventuraram nesta zona cinzenta do mapa e de quem nunca mais se ouviu falar. Ou, então, que apareceram cortadas às postas. Ocorre-lhe então uma imagem. Dois caixões, lado a lado. Afasta-a com determinação.

O que está ele a fazer aqui, a arriscar a própria vida por um grupo de desconhecidos? Não sabe responder. A única coisa que sabe é que, ao longo dos últimos cinco anos, sentiu que estava a viver numa bolha onde nada conseguia atingi-lo, onde se sentia entorpecido em relação a tudo o que acontecia à sua volta. Naquele instante, todavia, sentia-se vivo.

Um pouco mais à frente, as árvores começam a escassear, e Argylle abranda ao chegar à extremidade de uma clareira, na qual consegue ver um grupo de pessoas junto a uma espécie de edifício. Ouve gritos. O medo invade-o, à medida que o perigo da situação se torna mais óbvio. Se o edifício for um laboratório e o grupo tiver trazido os reféns para as instalações, então ninguém vai sair daqui vivo. Está demasiado em jogo. Se a sua manobra com o transmissor tiver resultado e os reforços da CIA estiverem a caminho, estarão a entrar numa armadilha.

Olha em redor, avaliando a sua situação. Deteta uma velha árvore de chá de tronco retorcido que lhe proporcionará um bom local de observação. Depois de esconder o transmissor entre a vegetação rasteira, começa a trepar pelo tronco, áspero e cheio de espinhos, agradecendo silenciosamente às calças de ganga por lhe protegerem as pernas, evitando que fiquem completamente arranhadas. Não tem tanta sorte nas mãos, e quando alcança os ramos superiores já tem as palmas das mãos cortadas e a sangrar, mas ainda não consegue ver bem a clareira. Quase deitado, avança sobre o ramo à sua frente, rezando para que este agüente o seu peso. Há um instante em que o ramo se inclina perigosamente, e ele tem a certeza de que se vai partir. Incrivelmente, o ramo permanece intacto.

De onde está posicionado, consegue ver sobre o topo da árvore, mesmo em frente à clareira. É inundado por uma sensação de alívio

quando vê, não os sinais evidentes de um laboratório industrial, mas um punhado de tendas velhas, um acampamento improvisado.

Os reféns estão sentados no chão enquanto os membros armados do grupo conversam entusiasmadamente com outros três que saíram das tendas. O agente da DEA que já se encontrava no chão quando Argylle os alcançou parece estar muito mal. Enquanto o observa, o homem deita-se de lado. Os membros do gangue riem-se. O rapaz que lhe pareceu tão jovem e nervoso ao roubar a carteira de Charlie no avião caminha com bazófia até ao agente e, descontraidamente, dá-lhe um pontapé no estômago.

A mulher, que ainda segura cuidadosamente o braço, desvia o olhar.

Alguns dos cartéis de droga da região não querem problemas. Alguns, ao aperceberem-se de que o governo dos Estados Unidos monitoriza as suas organizações, até podem ter montado os laboratórios noutros sítios.

Mas não estes tipos.

Argylle descobriu a grande custo pessoal o que este grupo faz às pessoas que se metem no seu caminho.

Olha de relance para a vegetação rasteira que esconde o transmissor e tenta afastar uma onda de desespero. O seu plano parece-lhe agora demasiado rebuscado, dependente do facto de a CIA estar a seguir o avião e de o sinal continuar a ser transmitido.

Apercebe-se também de que os membros do gangue são um grupo diverso. Vários deles não têm dentes, a pele está irritada e cheia de pústulas, e os olhos, arregalados, são percorridos por uma expressão selvagem. É óbvio que alguém se esqueceu de os avisar que «não devem consumir aquilo que vendem». Apesar de a maior parte das drogas produzidas nesta região serem exportadas, continua a circular localmente a quantidade necessária para alimentar o consumo de metanfetaminas, cujos sinais Argylle agora reconhece claramente. A má notícia é que os dependentes de metanfetaminas são notoriamente imprevisíveis, com uma predisposição para episódios de violência extrema quando começam a ressacar.

Ao observar o rapaz, cuja pele adolescente está claramente afetada pelo acne e pelo uso de droga, sente uma inesperada pontada de pena e desesperança pela vida que ele tem pela frente.

O homem caído no chão geme, e o agente da DEA mais velho, de barba e com uma mancha branca no cabelo escuro, vira-se para um homem baixo e atarracado, claramente o líder do grupo.

— Ele precisa de ajuda — diz o agente, a gesticular.

O homem mais velho assente. Depois, aproxima-se do agente caído e, com toda a calma, dá-lhe um tiro na cabeça.

Oh, merda! Oh, meu Deus.

Argylle fecha os olhos para afastar a imagem. Quando volta a abri-los, vê que a mulher está salpicada com o sangue do colega e que alguma da matéria cinzenta se colou ao seu cabelo e à roupa.

Olha novamente de relance para o local onde o transmissor está escondido. Parece cada vez menos provável que alguém venha em seu auxílio. Poderá o transmissor ter ficado sem bateria? Um desalento esmagador abate-se sobre si. Não consegue virar as costas e ir embora.

Os minutos passam. Enquanto Argylle se prepara para o banho de sangue que, tem a certeza, se aproxima, pressente uma ligeira agitação na vegetação mesmo por baixo do seu ponto de observação. Para seu espanto, vê vultos de camuflados a rastejarem na direção da clareira, empunhando espingardas de assalto. Um deles leva o transmissor, recentemente recuperado do seu esconderijo.

A avaliar pelo suor que lhes escorre pelo rosto, já estão a trilhar a floresta há algum tempo. Argylle olha em redor, tentando encontrar forma de os alertar da sua presença, sem sobressaltá-los.

As folhas da árvore de chá onde se encontra empoleirado são maiores do que uma mão. Recuando, Argylle rasga uma folha e deixa-a cair na cabeça do homem mesmo por baixo de si. Fica imediatamente na mira de várias armas, pelo que levanta os braços para mostrar que não está armado. Depois, aponta para o transmissor e a seguir para si mesmo. O homem assente. Durante todo este tempo, as vozes do gangue não passavam de um murmúrio baixo, mas, de repente, uma enorme gargalhada surge do lado de lá das árvores.

— A que distância? — pergunta o comandante, inaudível.

Argylle aponta para o local onde consegue ver o cimo das tendas e segura ambas as mãos, abrindo e fechando os dedos duas vezes.

— Vinte metros? — diz o comandante, mais uma vez sem fazer barulho. Aponta para dois dos seus homens e faz um gesto cuja instrução Argylle não entende. Os homens assentem e um deles tira uma granada de um dos bolsos do colete militar.

O comandante faz um gesto circular com a mão e os homens somem-se silenciosamente por entre a vegetação. Envia outro grupo na direção oposta. Ao contrário do comandante, estes homens parecem ser tailandeses. Argylle pergunta-se de onde terão vindo; recorda-se dos rumores que davam conta de uma prisão «secreta» da CIA, não oficial, situada algures na selva tailandesa e para a qual os americanos levavam prisioneiros que queriam interrogar longe dos olhos atentos do resto do mundo.

O comandante faz sinal a Argylle para descer e aponta para trás de si. Ele obedece. Desce com cuidado e recua alguns passos. Sente o coração a bater-lhe na garganta. Sabe que os que trouxeram os reféns do avião estão armados, mas o resto do gangue não parece estar. Por que motivo estariam, no topo da montanha, se têm apenas meia dúzia de tendas velhas para guardar? Com o elemento surpresa, talvez os recém-chegados os consigam dominar. Mas só têm uma oportunidade. Se o grupo tiver tempo de se armar, será uma autêntica carnificina.

Apesar de estar à sua espera, a explosão no lado mais afastado do acampamento, rapidamente seguida por outra explosão na direção oposta, abala Argylle momentaneamente. Algures na fração de segundo que separou as duas explosões, os grupo de resgate avança. Depois disto, tudo se transforma num borrão indistinto de fogo e gritos. Argylle detesta sentir-se inútil, mas sabe que, neste momento, é mais um empecilho do que uma ajuda, pelo que se esconde um pouco afastado do acampamento e espera, sentindo cada célula do seu corpo tomada pela tensão.

A batalha parece prolongar-se durante horas, apesar de não poder durar mais do que um punhado de minutos. A partir do seu refúgio,

Argylle ouve um homem a gritar qualquer coisa em cantonês, mas a sua voz é interrompida por um estrondo que faz estremecer as folhas das árvores.

Até que, finalmente, o refém masculino aparece por entre as árvores. É o agente da DEA com a barba escura e a mancha branca no cabelo, seguido pela mulher, ainda agarrada ao braço. A seguir aparecem os homens do grupo de resgate, dois deles a arrastar o agente da DEA assassinado. Argylle só quer que eles corram. As explosões já alertaram certamente o resto do cartel, e ele não quer estar por perto quando chegarem.

Deixa-se ficar escondido atrás de uma árvore, apesar de ver o comandante olhar em redor à sua procura; sabe que tenta perceber onde ele estará. Assim que se certifica de que o grupo se encaminha para a direção certa, Argylle desaparece mais uma vez por entre a floresta.

Tem as suas razões para querer continuar por ali perdido.

**Quanto melhor
o espião,**

**Um comboio de luxo
a alta velocidade
em direção a Moscovo
para um encontro com o destino.**

**Um avião da CIA abatido nas densas
selvas do Triângulo Dourado.**

**Um tesouro nazi sepultado nas montanhas
remotas do sudoeste da Polónia.**

**Um tesouro desaparecido, a oitava maravilha
do mundo, perdido há sete décadas.**

**Apenas uma hipótese
de redenção...**

**maior a
mentira.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897871580



9 789897 871580 >